

E SE A INFÂNCIA FOR UM LUGAR ?



A ÉTICA DA INFÂNCIA E A PRODUÇÃO  
DE PRÁTICAS CLÍNICO-POLÍTICAS NAS CIDADES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Jacinta Antonioli Testa

**E SE A INFÂNCIA FOR UM LUGAR?**  
**A ética da infância e a produção de práticas clínico-políticas nas cidades**

Porto Alegre  
2023

Jacinta Antonioli Testa

**E SE A INFÂNCIA FOR UM LUGAR?**

**A ética da infância e a produção de práticas clínico-políticas nas cidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina dos Reis

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Oriana Hadler

Porto Alegre

2023

*A toda gente que brinca com o mundo  
e briga pelos seus.*



## Agradecimentos

À Jéssica, minha irmã, minha amiga, minha confidente. Por abrir os caminhos pelos quais eu passei. Foi contigo que eu mais brinquei, confabulei, ri, chorei. Obrigada por, longe ou perto, estar ao meu lado.

À Dalvanice, minha mãe, por todo o amor, cuidado e afeto – desde o comecinho de mim. É o teu olhar carinhoso e o teu abraço firme que me dão a certeza de que posso ser quem sou. Que alegria ser tua filha e, agora, tua colega!

Ao Edimo, meu pai, por me apresentar meus primeiros mapas. Se tu estás no volante, eu sei que estou segura. Se eu sei caminhar, é porque tu me ensinaste. És mais importante do que imaginas.

A vocês, família, por me apresentarem com todo o apoio que eu poderia desejar. Obrigada por me criarem para o mundo! À vó Irene, pela presença risonha e destemida. À vó Ana Lydia, ao vô Guilherme Antonioli e ao vô Guilherme Testa, pelas memórias. Vocês estão nesse trabalho inteiro. À minha terra natal, pelas raízes firmes e pelo solo fértil.

Ao Roberto, meu namorado, meu companheiro, meu colega, meu melhor amigo. Por expandir comigo a vida. Obrigada por me oferecer teu ombro, tua escuta, teu olhar – como me encanta o mundo pela tua lupa! Dividir contigo é sempre multiplicar.

À Carol, por me apresentar às ruas. Foi caminhando ao teu lado que esse trabalho (e minha formação inteirinha) se fez possível. À Ori, por ser todos os elementos: fogo, água, terra e ar. Tua presença brincante acolhe, alegre, inspira. À Neuza, por nos fazer um grupo. Tu estragaste minha vida, Neuza: agora, para onde quer que eu vá, Foucault me persegue! Ao Tiago e ao Fabrício, pela parceria nesse caminho de formiguinha que é o pesquisar. Ao E-Politics, pela força de seus tentáculos. Ao OCUPAS, por não parar no lugar.

Aos meus amigos, pela amizade e ponto. Ao Gui, por me ler com tanta ternura. És mais psicólogo do que pensas. Ao grupo em que tanto confio: Ana T., Ju P., Maurício, Lipe e Dudu. Que honra ser, desde cedo, colega e amiga. Amo cada um e todos juntos. Às fífis: Ana Z., Ju K., Gabi, Carol, Laura e Mariluci. Por estarem ao lado desde a primeira e penosa prática e, quando só havia distanciamento, ficarem por perto.

Aos usuários e serviços com os quais trabalhei. Obrigada pela confiança.

Ao Boca de Rua. À Kaliça e à Jiboia. À Vila Coobal. Ao Assentamento 20 de Novembro. Ao Centro de Referência Indígena-Afro do Rio Grande do Sul. À Ocupação Baronesa. Meus grandes professores!

À universidade pública. Que ela seja cada dia mais pública.

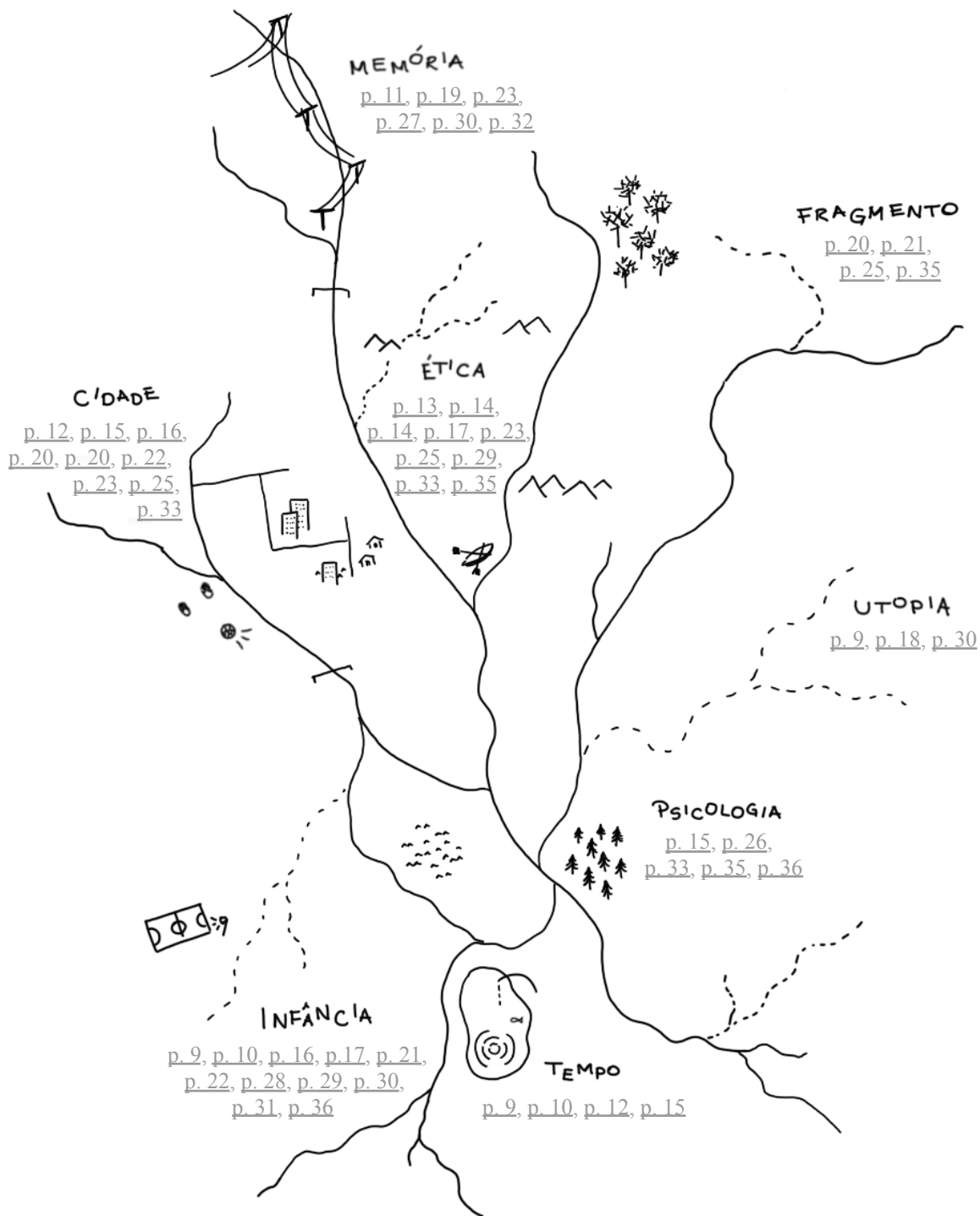
Explicar? Como se pode explicar?  
O Sol em momento algum arrefece  
Mas lágrima não pode desgelar  
e só a infância jamais envelhece.

Sua irmã, a juventude, foi pisoteada  
qual uvas de vinho depois da messe  
a cabeça de prata já sombreada  
e só a infância jamais envelhece.

Por suas neves e flores, dinheiro  
não há que baste, a troca não apetece.  
Envelheceram o rei e todo o reino  
e só a infância jamais envelhece.

— *Abraham Sutskever*

## Sumário MAPA



Este mapa inclui os territórios conceituais pelos quais a autora circulou. Seus contornos, suas fronteiras e seus caminhos são fruto de um percurso próprio. Quem carrega esse mapa pode tomar a cartografia da autora como guia, seguindo sua rota por entre os conceitos. Basta acompanhar o curso da escrita. Ou pode, ainda, tomar sua cartografia como ponto de referência – abrindo outros caminhos, desbravando novos territórios e desenhando os próprios trajetos. Basta clicar nos locais para onde quer ir. Atenção: perder-se nessa terra é desejado.

Resumo  
ADVERTÊNCIA

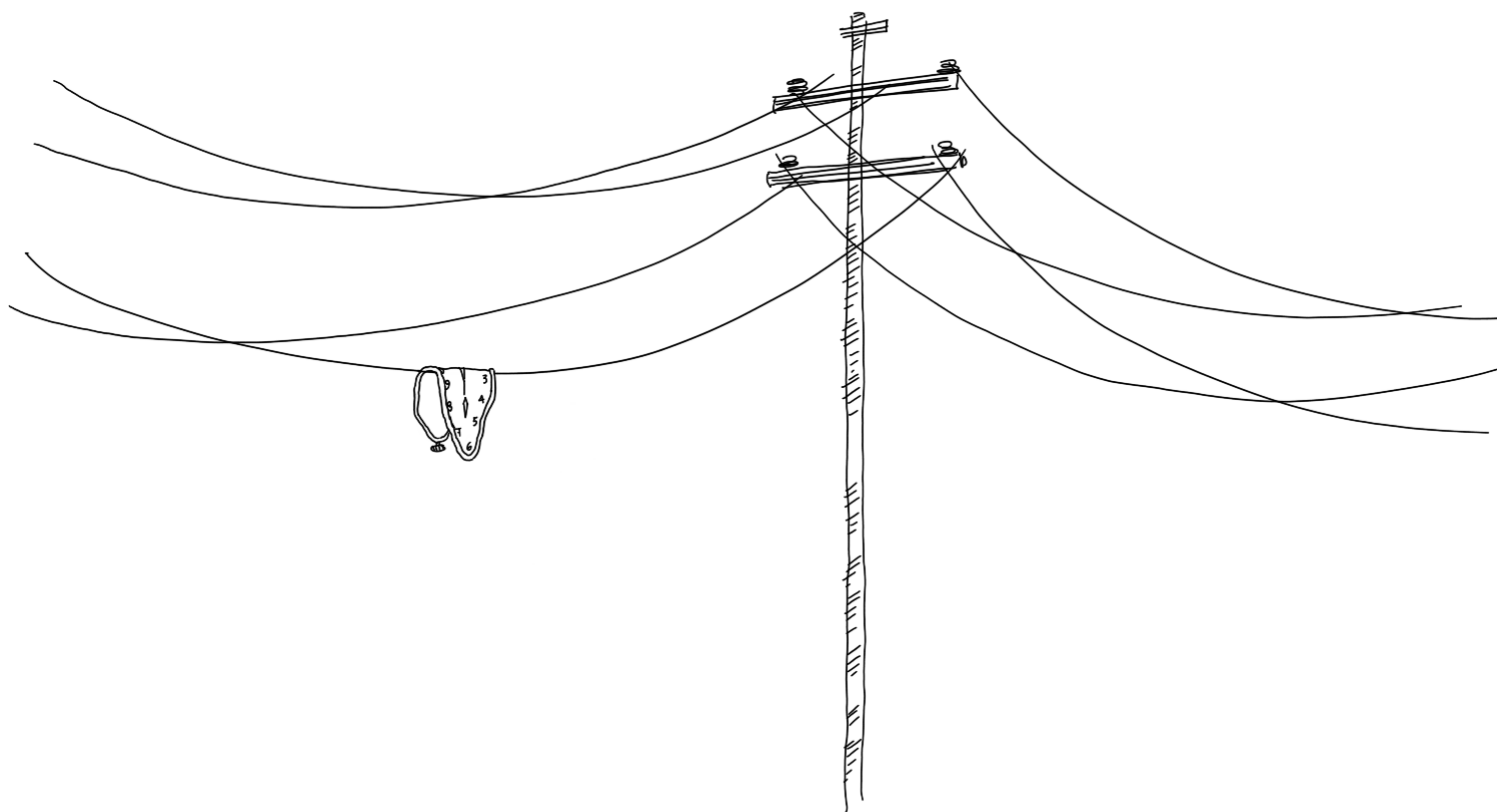
Escrevo bem baixinho, miúdo, sussurrado. Aqui no canto da página, no verso, para que só os atentos vejam. Queria perguntar: Um texto se faz para quê? E com quê? Não queria que esse texto fosse projetado por arquitetos: o quero sem plantas baixas, maquetes ou aprovação legal. Quero, no máximo, esboços. Por isso aqui serão as memórias, surgidas como centelhas, o nosso ponto de partida – narradas com o estranhamento de um narrador-criança. Acho que o texto será mesmo como a memória: fragmentada. E quem me dera que esses fragmentos fossem igualmente distribuídos no tempo. Mas não, não fazem linha reta. Vêm, mais uma vez, como a memória: em fluxos, lapsos, encadeamentos. Recusando a linearidade também da escrita, engendram-se em sua própria geometria. Acho que esse mapa que eu desenhei no outro lado da folha talvez seja furada; pode fazer um ou outro se perderem. Mas se é assim que as minhas memórias andam, que assim seja. Peço licença a elas, então, memórias – para contá-las, revirá-las, inventá-las. Peço ao passado que me abra algum espaço, menor que seja, para que eu passe. Quiçá para que eu permaneça um pouco. Já adianto o aviso: se há exagero, é o jeito da memória de ser. Inventariando lembranças, aqui aposto na ética da infância para, aprendendo com ela a caminhar, visitar a cidade e a psicologia.

Palavras-chave: infância, cidade, tempo, ética, psicologia

Escrevo sem saber como começar. Nem onde, nem quando.

Não sei se começo ao longe, naquele tempo em que queremos algum dia estar. Ainda que eu não seja muito boa amiga da utopia (relação puramente cordial), poderia escrever sobre os futuros que, quando sonhados coletivamente, se fazem possíveis. Há algo disso no desejo que mobiliza essa escrita e, a todo instante, minha aposta no fazer psi. Poderia, então, falar sobre os outros mundos que nossa imaginação política delinea: em que o porvir amaldiçoa nossos algozes e traz – aos meus, aos seus, aos nossos – um bem viver. Poderia escrever sobre os projetos que lançamos a qualquer tempo e lugar, esperançosos, torcendo que hora ou outra pousem bem.

Ou talvez eu comece aqui, agora, enquanto escrevo letra por letra. Por mais que meus dedos nada mais façam que pressionar as teclas, esperando que palavras legíveis se apresentem, os pensamentos não deixam de correr: exploram os becos do presente e retornam a mim contando as novidades. Poderia escrever sobre o que eles veem em sua jornada. Sobre o medo e a angústia que acompanham essa escrita, imersa no fim do mundo; sobre as rachaduras que se dão nessas terras em que habitamos; sobre os incessantes assaltos desse Estado, que faz perder a esperança quem ora sonhou. Ou melhor, poderia escrever sobre como, frente ao presente, resistimos. Sobre a luta que aqui se faz; sobre a força que a realidade demanda de tantos; sobre a esperança que, às vezes, tímida, retorna. O aqui-agora seria avalanche sobre o papel.



Ou, quem sabe, começo alguns anos atrás, quando essa cidade me convida a ocupá-la de outro modo. Poderia escrever sobre o passado recente em que chego na universidade. Sobre quando alguém me diz que é possível, na psicologia, estudar *cidade* – coisa que, não à toa, deu voltas e reviravoltas na minha formação. Cada andança, encontro e experiência dos últimos anos serviria aqui: são o que fazem essa escrita possível. Poderia escrever, então, sobre como conheci e reconheci a psicologia, querendo fazê-la outra. Sobre as práticas que tentei exercer – constantemente tensionadas, reviradas, redobradas, revoltadas.

Já sei: começo em lugar nenhum. Escrevo sobre aquela terra em que tudo é feito para brincar. Sobre as amarelinhas, os esconde-esconde e os faz de conta – território de nossas memórias, brincadeiras e ficções. Dizem que esse é um tempo lá atrás, mas não me parece tão passado assim. Escrevo sobre o que lembramos, o que esquecemos e o que fantasiamos. Sobre aquele lugar em que podemos, diante da realidade, perguntar sempre: por quê? As ludicidades, à sua revelia, esfacelam os mundos que já não lhe servem para então criar os que desejam. Escrevo sobre aquele tempo – nem passado, nem presente, nem futuro – em que o mundo ainda há de ser inventado. Começo por ali, onde moram esses tempos todos e tempo nenhum: começo pela infância.

\*\*\*

Para se voltar ao conceito de infância e à sua potência disruptiva, Nogueira e Alves (2020) nos contam narrativas iorubás sobre Exu – orixá íntimo da infância.

Em uma das histórias, fala da fome de Exu: “Exu come tudo. Não porque lhe falte algo. Mas justamente porque lhe sobra vontade de estar com as coisas do mundo” (p. 538). Mais que se alimentar e saciar a fome, o ato de comer, aqui, diz da vontade pela vida, da curiosidade pelo mundo, “indica o desejo por descobrir o sentido das coisas” (p. 538). O lugar do paladar ainda nos diz algo a mais: Oyěwùmí (2017), pesquisadora feminista nigeriana, aponta que o termo “visão de mundo”, tão utilizado no ocidente, condiz com a relevância dada pelas sociedades ocidentais à dimensão visual da experiência mundana. No entanto, referir-se desse mesmo modo a culturas que priorizam outros sentidos é tomar o ocidente como régua, colonizando os distintos sistemas sensoriais de percepção e produção de mundo. Mais do que a conhecida visão de mundo, Oyewumi propõe “sentidos de mundo” ao mencionar a sociedade iorubá e demais culturas que privilegiam outro sentido ou, ainda, uma combinação entre eles. Podemos falar em sentidos de mundo, olfato de mundo, tato de

mundo e paladar de mundo. No cosmopaladar iorubá, então, “Exu opera através do gosto por viver” (Nogueira & Alves, 2020, p. 539).

Em outra história, Nogueira e Alves (2020) contam que, em seu encontro com Oxalá, Exu, o mais novo, se tornou o mais velho. O autor propõe que o orixá foi de “Exu-criança” para “Exu-infância”, afinal, “a infância é o que existe de mais antigo em todos nós” (p. 539). Trata-se da insistência em experimentar a infância: “Uma pessoa pode deixar de ser criança, mas, à medida que transita por caminhos da brincadeira e da narrativa pode sempre habitar a infância de alguma maneira” (p. 539-540). Na encruzilhada entre brincar e narrar, mantém-se viva a infância.

A última história trazida por Nogueira e Alves (2020) é um verso curto, também pronunciado por Emicida em “AmarElo – É Tudo Pra Ontem”. É um ditado iorubá: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. Exu, sempre em movimento, esfacela a suposta progressão linear da história. Nem em linha reta nem em círculo – representações comuns do tempo na filosofia –, a experiência do tempo em uma leitura afroperspectivista é espiralar. Nogueira diz que, como uma hélice de três pás movendo-se sem cessar, o tempo se faz tridimensional: passado, presente e futuro. Girando e girando, não vemos qual pá é qual – não conseguimos distinguir o que passou, o que está e o que está por vir (Nogueira & Alves, 2020).

Aprendo muito com o conceito de infância que narra Nogueira. Fico com vontade de me aliar a ele e tentar, como ele mesmo diz, ser “criancista”:

Nós somos muitas coisas; mas, aqui, sobretudo, criancistas. O termo “criancista” remete à ideia simples de gente adulta que aprende com crianças, valoriza culturas infantis e investe em sua própria infância – a capacidade de brincar, narrar e imaginar – como modo privilegiado de se relacionar consigo e com o mundo, mas, também com o contorno político de pessoas que defendem o direito das crianças serem crianças e dos adultos habitarem suas infâncias. (Nogueira & Alves, 2020, p. 534)

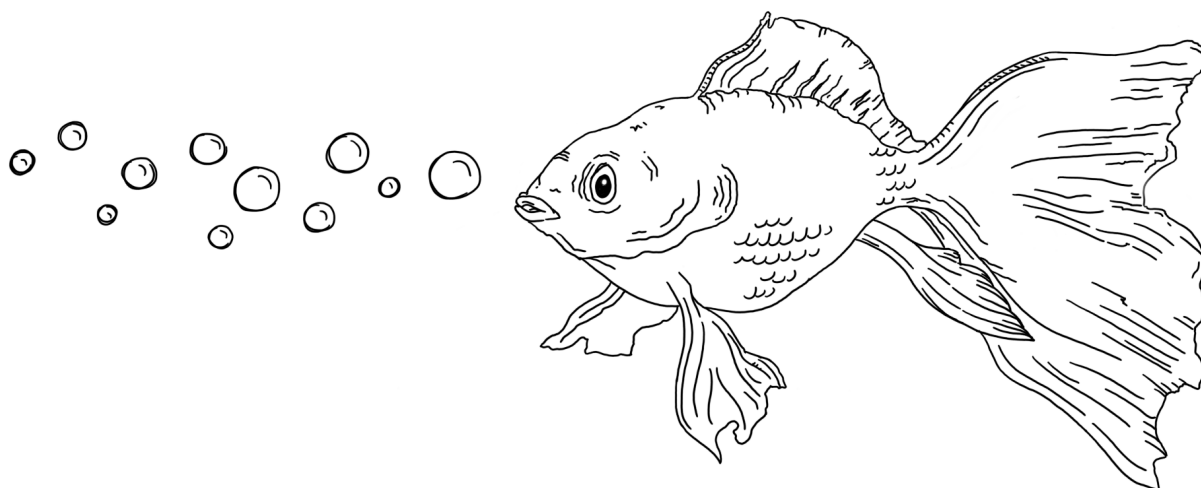
\*\*\*

Aquele peixe tão enorme. Disseram que era enorme, ao menos. Não achei grande coisa. Era maior que os outros, mas menor que meu avô. Se bem que ele se apequenou naquele momento, meu avô: o peixe dava em seu joelho, mas bastou um vacilo que o bicho

se engrandeceu. Escamado e indomável, fez meu avô se jogar na água, encharcado até a cintura. Certamente mergulharia por inteiro se tivesse alguma chance contra o peixe na água, mas nadar seria batalha perdida de antemão. O peixe também sabia. Escorregadio, desceu pelas mãos de meu avô – se rebatendo, debatendo. Violenta e bonita discórdia. Da cabeça ao rabo, em cada barbatana, agressivos movimentos. Mexia seu corpo com tamanha disposição, enérgico, que eu quase torci pelo peixe. Até que vi nos olhos de meu avô, aguados, o reflexo da lagoa. Quase dentro dele aquela água toda. A vara era extensão de seu braço; e o peixe, aquilo que tanto se busca e tanto se quase alcança. Agarrou com gana, como se implorasse: me deixe vencer dessa vez. Tanto abraçou o peixe, meu avô, que eu o vi também peixe. Braço de peixe, barbatana de avô. Confusos sentidos. Dolorida perda.

Ali aprendi que às vezes as coisas escorregam contra nossa vontade.

Pelos dedos, pelos braços, pelo olhar.



Quando eu vim pra capital já não vi mais peixe. Minto. Até tem peixes, mortos ou vivos, mas nenhum como aquele. Também não vi mais meu avô.

\*\*\*

Acho que muitos tempos habitam essa cidade. E muitos tempos habitam em nós.

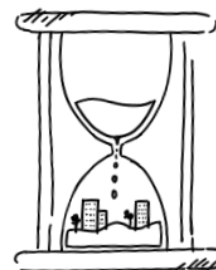
Milton Santos (2004) diz que o traço comum das paisagens é “ser a combinação de objetos naturais e de objetos fabricados, isto é, objetos sociais, e ser o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações” (p. 53). Longe de ser um cenário fixo, enrijecido e imóvel, o espaço e a paisagem movimentam-se continuamente, em forma e função, em variados ritmos e intensidades, acompanhando as demandas e as transformações



da estrutura social. Ainda sobre a relação espaço-tempo, o autor diz: “A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção” (p. 54).

Ainda que Milton Santos (2004) mantenha uma distinção bem delimitada entre passado e presente – o que talvez não caiba reivindicar aqui –, seu pensamento parece sustentar: o espaço é onde o passado se faz presente. Afinal, a atualidade do espaço “é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais” (p. 54). Ele afirma, ainda, que “o momento passado está morto como *tempo*, não porém como *espaço*; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui” (p. 54).

Mas, ora, se o passado se faz vivo no espaço, talvez se faça também no tempo – já nos ensinou Exu. Nos objetos geográficos, nas construções arquitetônicas, nas pedras da calçada, nos restos das obras. Quem sabe até nos restos da memória – sempre espacializada –, nas cicatrizes da pele, nos calos dos pés. Tempos se distribuem e se densificam. Tempo e espaço se fazem um: carregamos todas as idades que já tivemos; a cidade também. E agora, me diz: Como pode o futuro da cidade respeitar essas idades todas que sobre ela se depositam? Como pode a escuta acolher essas idades todas que um corpo carrega?



\*\*\*

Já nem sei se eu que escrevo o texto ou se é ele que me escreve. Buscava aqui abrigar o que se fez importante na minha formação, fazer do papel casa e das palavras mobília, mas parece mais que as palavras me desobedecem. Elas vão para onde bem desejam, se recusam a ficar onde as mando e fazem birra se prometo apagá-las. Acho que se perturbaram por eu lhes chamar mobília. Por mais que sejam, sim, móveis, sua agência é outra. Deveriam ter seu nome na folha de rosto: são tão autoras quanto eu. Escrevem esse texto, escrevem minha experiência, escrevem eu. Foucault (2010) mesmo disse:

Tenho absoluta consciência de me deslocar sempre, ao mesmo tempo, em relação às coisas pelas quais me interesso e em relação ao que já pensei. Não penso jamais a mesma coisa pela razão de que meus livros são, para mim, experiências, em um

sentido que gostaria o mais pleno possível. Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo, não teria jamais a coragem de empreendê-lo. [...] Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes. (p. 289-290)

Na experimentação, não se sabe o resultado – nem para que canto da página as palavras irão, nem o que será feito com os achados do canteiro de obras. Também não se sabe o método: “Quando começo um livro, não somente não sei o que pensarei no final, mas não sei, claramente, que método empregarei. Cada um de meus livros é uma maneira de recortar um objeto e de forjar um método de análise” (Foucault, 2010, p. 290). No encontro se faz o método – seja o da pesquisa, seja o da construção.

\*\*\*

Acho que não é à toa que minha escrita é também desenho. Se o *A* fica revoltado e quer mudar de forma; se o *I* cansa de ficar em pé; se o *O* se tonteia com suas curvas – decidem abrir seus traços e mudar suas formas. Os desenhos aqui dispostos, traçados por mim (e, afinal, pelas palavras que se exauriram de ser palavras), são parte do pensamento que tento elaborar. Ainda que por vezes tentem representar, ilustrar, estampar – como se fez típico nas pinturas ocidentais, em que ora a forma se subordina ao signo, ora o signo se subordina à forma (Foucault, 1988) –, os desenhos são também eles causa e efeito do pensar.



\*\*\*

Esquivando-se de modelos apriorísticos ou de importações totalizantes, fica em destaque o que as feministas há tanto tempo alertam: todo conhecimento é corporificado. Apesar das tentativas históricas de alçar uma ciência imparcial, insípida, inodora e incolor, a “objetividade” é também visão parcial. Donna Haraway (1995) diz: “Apenas aqueles que ocupam as posições de dominadores são auto-idênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentos, renascidos” (p. 27). Fala-se ciência do homem universal – que nem sequer se reconhece homem, mas certamente reconhece aqueles que não o são –, em que o

conhecimento é produzido “do ponto de vista do senhor, do Homem, do deus único, cujo Olho produz, apropria e ordena toda a diferença” (p. 27). Esse mecanismo pretensamente racional soterra as disputas políticas e éticas que se dão no interior dos projetos de conhecimento. Declarando a racionalidade como ilusão de ótica, Haraway (1995) questiona:

Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais do que um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Quem usa viseiras? Quem interpreta o campo visual? Qual outro poder sensorial desejamos cultivar, além da visão? (p. 28)

Tal como os corpos que o produzem, o conhecimento é social, temporal e territorialmente localizado.

\*\*\*

O espaço já foi bastante negligenciado no pensamento sobre a subjetividade – que, desde Kant, “coloca a temporalidade como um operador central de subjetivação” (Cardoso Filho, 2016, p. 242). Entende-se que “no e pelo tempo que os sujeitos são de um ou de outro modo constituídos” (p. 242), enquanto o espaço, tomado enquanto materialidade extensiva e mecânica, seguidamente ocupa um lugar secundário na subjetivação. Deleuze (1997) conta: na filosofia antiga, vemos “a sucessão do tempo subordinada ao movimento circular do mundo” (p. 36). Em Kant, no entanto, a lógica se inverte: o movimento subordina-se ao tempo. Tornando-se linha reta, “não é a sucessão que define o tempo, mas o tempo que define como sucessivas as partes do movimento tal como nele estão determinadas” (p. 37). O que muda são as coisas, os objetos, os acontecimentos – todos no tempo; este, por sua vez, não muda, é “a forma imutável da mudança e do movimento” (p. 38).

Cardoso Filho (2016) afirma que “o que Kant desenvolve é a ideia de uma subjetividade fundada e constituída na temporalidade” (p. 243). Problematizando “a distinção que coloca o sujeito quase que inteiramente do lado do tempo e da vida, em detrimento do espaço e da matéria” (p. 245), o autor nos convida a pensar uma “subjetividade distribuída”. Trata-se da agência dos objetos, do espaço, dos gestos, dos humanos e não-humanos, que se avizinham na construção de uma geografia própria das subjetividades. O que se passa é que, “ao dobrar o lado de fora, quase como fazemos com uma linha ou um tecido que se dobra sobre si, forma-se algo como uma invaginação, que cria esse suposto espaço interior” (Reis et al., no prelo). Por mais que esse espaço interior seja conservado pela psicologia como da

ordem do privado, “seus limites são feitos do próprio fora” (Reis et al., no prelo). Não há exterioridade nem interioridade forjadas de antemão, apartadas de seus contextos histórico-geográficos e tempo-espaciais de criação. Mais densas aqui, mais finas ali: somos dobras da mesma superfície.

Acho que é assim que eu penso a construção das cidades. E de nós. Não consigo falar em subjetividade sem falar do espaço em que vivemos, das relações que forjamos, das vizinhanças que engendramos. Por isso há que se perguntar: que sujeitos podem se fazer nas cidades que construímos hoje? E, sabe, acho que também é assim que eu penso a infância – mais que um recorte dessa linha reta e imutável que seria o tempo; mais que alguns anos preenchidos por certa sucessão de eventos; mais que um domínio interior, da experiência privada, fechado em si. Há também na infância uma geografia: uma espacialidade, uma cartografia, uma concatenação de movimentos, uma construção de fronteiras e proximidades, um *tópos*, um processo de des-re-territorialização.

\*\*\*

Se o tempo já não é uma linha reta nem um círculo; se o movimento e a subjetivação já não são subordinados apenas ao tempo; e se a infância já não é referenciada a um tempo passado, a uma fase ou faixa etária – o que pode, então, a infância? Sim. Acho que é essa a pergunta, mesmo. Para além de um “o que é?”, um “o que pode?”.

Ana Martins Marques (2017, p. 21) disse uma vez:

“É como se a infância não fosse um tempo  
mas um lugar  
com seus cumes seus esconderijos  
suas pequenas clareiras  
um lugar, aquele onde cometemos  
nosso primeiro crime  
há quem tenha matado um coelho  
há quem tenha matado um sapo  
há quem tenha matado um cão  
há quem tenha mentido perseguido  
destroçado  
deixado morrer

por capricho  
de minha parte matei uma criança:  
uma menina  
morreu em mim  
por onde vou carrego  
o seu cadáver  
e a forma exata do seu corpo  
repousa no meu corpo  
como num vestido  
largo demais”

E se a infância for, mesmo, um lugar? Não pode ela outras coisas?

Lugar em que algo se perde e algo se forja. Lugar pelo qual passamos e podemos novamente passar. Lugar que se acessa, para o qual se viaja, que se decide ocupar. Não pense que há de se fincar raízes aqui, como se fosse um território enfim apropriado. É mais um plano, uma superfície – em que tudo escorre e nada se cristaliza. Não sei nem se é possível permanentemente ficar; tampouco vir e voltar para o mesmo território de onde se saiu. Aquilo e aqueles que visitam a infância saem outros, relançados também para alhures. É um devir, um movimento, uma força viajante. É operação de linha de fuga: disparadora de desterritorialização (Deleuze & Guattari, 1995). Porque deseja outra coisa que não o que há, trai o território anterior e, sem saber para onde irá em seguida, funda novos e distintos territórios.

É preciso cuidar desse lugar: protegê-lo dos ataques da adultidade; preservar seu solo; reflorestá-lo. O bom é que os transeuntes chegam por tantos lados – pousam, erguem-se do chão, esculpem portas, abrem caminhos. E, quando chegam, tomam outra forma. Povoam a infância e povoam-se de infância. Investem em um duplo dizer-sim: para sair do velho e improdutivo território, *sim* à infância; e, agora a partir da infância, com o sul em sua ética, *sim* à criação.

\*\*\*

Ao escutar “infância” é fácil logo vir: “criança”. Forma-se a imagem de um ser pequenino, ingênuo, de pouca idade. E pode vir, não há mal. Mas também pode vir muito

mais. Quando se pergunta *por quê?*, há infância. Quando os pneus viram barricada, há infância. Quando pés e pensamentos desviam da rota, há infância.

Talvez essa infância possa nos dar algumas pistas.

Pistas? Isso. Pistas.

Pistas para viver de outros modos e construir outros mundos. Então acho que aqui a infância não é objeto. É aposta ético-metodológica – para o pesquisar, para o habitar, para o fazer psi. É investigar o mundo como quem o vê pela primeira vez.

\*\*\*

Parece que a utopia, aquela que eu nego e renego no começo, não cessa de me assombrar. Como uma erva daninha, multiplicando-se pelo solo, a utopia insiste em brotar entre as palavras que aqui escrevo. A cada vez que se afirma: é possível reinventar a psicologia, a cidade, a si mesmo – ela surge.

Mas teve uma vez que eu li algo do Foucault (2013): quanto ele nos apresenta sua *heterotopologia* – o estudo das heterotopias. Diferente das utopias – não-lugares, irreais, não realizados –, a heterotopia proposta por ele são lugares reais, com contornos desenhados no interior de dada cultura, nos quais se justapõem espaços distintos. Museus onde os tempos se acumulam; cemitérios onde a vida e a morte coabitam; até mesmo universos lúdicos, criados, ficcionalizados. Não à toa Foucault chega a afirmar que o barco é uma heterotopia por excelência: para além de sua função econômica, flutuante e entregue ao mar, é reserva de imaginação. Fantasia-se sobre os seres do fundo do mar, sobre os territórios ainda a descobrir, sobre as luzes que cortam o céu. Heterotopias são contraespaços, “contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (p. 20-21), onde se amontoam-se tempos, funções, desejos. Lugares em que estamos e não estamos.

As crianças conhecem perfeitamente esses contraespaços, essas utopias localizadas. [...] é então – na quinta-feira à tarde – a grande cama dos pais. É nessa grande cama que se descobre o oceano, pois nela se pode nadar entre as cobertas; depois, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois pode-se nela esconder-se; é a noite, pois ali se pode virar fantasma entre os lençóis; é, enfim, o prazer, pois no retorno dos pais, se será punido. (Foucault, 2013, p. 20)

A heterotopia parece potente para reconfigurar os espaços e seus usos. Da construção adulta à invenção da criança, outros *tópos* são criados. Lugares que podem ser ocupados e

habitados nesse mesmo instante. Utopias localizadas, realizadas, exercidas. Veja só. Como não vou preferir essas?

\*\*\*

De longe eu já sabia dizer. Bastava ver os galhos levemente arqueados, as folhas um pouco apartadas, os pedacinhos de planta caídos sob o solo: naquele arbusto tem ninho!

Assim que avistava, corria para perto. Largava o que tivesse em mãos e acelerava o passo. O passarinho, os ovos, o ninho: não sei o que encantava mais. Se a pressa era muita, sentado na varanda, meu avô gritava: Tome cuidado! Vai devagar! Não encosta senão a mãe pássaro não volta! Acho que ele tentava ensinar a cuidar.

Mas tem outra coisa que ele também ensinou. Dessa eu não sei bem o que pensar.

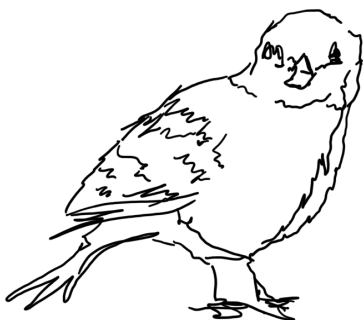
Tá vendo esse ovo diferente? Maior, mais claro, azulado? Esse é ovo de chupim.

Desde muito cedo eu soube que chupim é parasita: coloca seus ovos em ninhos de outras aves, que, sem diferenciá-los, os adotam. O filhote de chupim é maior e nasce antes, come quase tudo que a mãe leva ao ninho e empurra os novos irmãos. Por isso tem mais chance de sobreviver do que seus companheiros de ninho.

Ah, mas não no nosso jardim!

Meu avô me ensinou: na ausência de bicos e garras, se pega uma colher. É com a colher que se tira o ovo diferente. O ovo que não é daqui. O ovo que não pertence. Chupim é vadio, preguiçoso, ocioso. Tem fama de aproveitador. Pássaro bom é o João-de-Barro, que constrói a própria casa!

Mas uma coisa que meu avô não me contava é que, na verdade, o chupim não tem outro jeito de seguir vivo. Também não falava nada da inteligência da mãe chupim: habilidosa, investiga os ninhos; paciente, aguarda a saída dos hospedeiros; ágil, distribui seus ovos. Não sei bem por que fazíamos isso, por que logo abríamos a gaveta e pegávamos a colher, mas acho que ali muita coisa me era transmitida. Valor, propriedade, casa, trabalho, família. Que história é essa de transpor nossa moral aos não-humanos? E que moral é essa, afinal?



\*\*\*

E uma casa? Para que se faz? E com quê?

Essas cidades não se fizeram assim por gosto. José Verá (2021), escritor Mbya Guarani, conta: “Essa casa nós construímos só por desespero. Nossa casa verdadeira é a casa de reza. Hoje nós fazemos algumas casas de tábuas só porque os *jurua* queimaram tudo. Com a invasão dos *jurua*, precisamos fazer a casa provisória” (p. 100). Há algo que une uma casa e outra casa, mas nem toda casa é feita com a mesma função, mesmo início e o mesmo fim.



Imagem: José Verá (2021, p. 101)

\*\*\*

Paola Jacques (2001) conta que, diferente da arquitetura feita por arquitetos – que atuam com projetos preliminares, determinantes do fim e dos fins da construção – o modo como as favelas se constroem é fragmentário. O favelado-arquiteto busca os restos da cidade – pedaços de madeira, papelão, plástico e telhas – e faz do fragmento abrigo. As variadas composições dos fragmentos criam formas múltiplas e singulares: ainda que possam se assemelhar, cada arranjo é um. Além de singular em função e desenho, o abrigo, como lembra a autora, é essencialmente temporário. Longe de inscrever uma estrutura fixa de antemão, com formato pré-estabelecido e data de entrega prevista, se afixam no tempo e no espaço abrigos fugidios. A dimensão efêmera e mutável das moradas fragmentárias



estabelece relação íntima com o acaso: como em uma bricolagem, essa arquitetura depende da aleatoriedade dos restos encontrados.

De que será feita essa parede? Qual será o formato desse teto? Jacques (2001) responde: “Nunca há projeto preliminar para a construção de um barraco. Os materiais recolhidos e reagrupados são o ponto de partida da construção, que vai depender diretamente do acaso dos achados, da descoberta de sobras interessantes” (p. 23). As pedações de diferentes cantos e origens são dados também diferentes destinos. Os restos dos canteiros de obra, abarrotados de objetos já abandonados, resultam em tantas outras cidades. Sem projeto preliminar, os materiais encontrados – nas esquinas, nos becos e nos lixões – são ponto de partida. A relação com os produtos do espaço, os restos da cidade, nos orienta para um distinto olhar: o projeto não se faz de cima a baixo, se faz de onde os pés pisam.

\*\*\*

O fazer da criança, levando os objetos mais estranhos para o interior de seu universo lúdico e a eles dando outra função, não se aproxima da construção fragmentária?

Benjamin (2009) diz que, apesar das pedantes especulações da pedagogia sobre a produção de objetos que, premeditadamente, devem servir às crianças – brinquedos coloridos e livros chamativos –, são os mais diversos objetos mundanos que caminham até elas. Há, aqui, um alerta: “A sua fixação [dos pedagogos] pela psicologia impede-os de perceber que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças” (p. 103). Dos detritos da construção aos retalhos de tecido do alfaiate; dos sedimentos do jardim às lascas de madeira do marceneiro. Com os produtos residuais do mundo, as crianças, muito além de reproduzir as obras adultas, empenham-se em “estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente” (p. 104). Bolle (2009), em sua leitura de Benjamin, diz que a relação entre o brinquedo e o brincar traduz a relação entre o adulto e a criança. O brinquedo? É a proposta pedagógica do adulto. O brincar? É a resposta, em toda a sua autoria e autonomia, da criança. No brincar, imprevisível, os brinquedos – e os objetos em que adulto algum vê brinquedo – se transformam. Do mesmo canteiro de obras de onde saem o teto e as paredes da casa periférica sai um universo lúdico próprio, um pequeno e gigante mundo. Até mesmo a boneca extraviada, antes princesa, “transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças” (p. 87).

Agamben (2007) também conversa com essa ideia: “As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias” (p. 60). Profanam: retiram a coisa da esfera do sagrado e a devolvem ao uso comum. Não se pode fazer algo assim também da cidade? Deslocando seus usos, suas formas e suas funções, habitar-brincar a arquitetura-brinquedo.

\*\*\*

No Jornal Boca de Rua vi muitas casas também.

Há 21 anos nas ruas, praças e esquinas de Porto Alegre, o Jornal Boca de Rua é um periódico produzido e vendido por um coletivo de pessoas com trajetória de rua – que estão ou já estiveram em situação de rua. Com apoio da Agência Livre para Informação Cidadania e Educação (ALICE), o jornal se faz ferramenta para o população em situação de rua: serve como geração de renda; como veículo de denúncia e visibilização de sua existência; como meio de mobilização e fortalecimento de alianças. Há um tempo, existia também o Boquinha, projeto filhote do Boca, que juntava crianças e adolescentes ligados aos integrantes do jornal. As crianças participavam de oficinas, brincadeiras e passeios pela cidade. Sobre seus encontros, saberes e experiências, muito tinham a dizer: produziam textos, desenhos, esculturas, músicas e peças teatrais – artesanias que encontramos em um encarte infanto-juvenil.

Os repórteres da rua, crianças ou não, nos mostram outras cidades, aquelas soterradas pelo cimento ou tapadas pelos *outdoors*. Vemos em disputa distintos modos de produção de cidade – e de mundo. Há as plantas baixas e os apartamentos modelos, tentando mimetizar (e vender) a vida cotidiana. Há as casas que se fazem em ato, juntando forças e materiais daqui e dali. Há as casas que mal são casas; as casas que são casa agora e já não serão mais depois; as casas sonhadas; as casas ainda por se inventar. Em uma das oficinas do Boquinha, em um encarte intitulado “Arquitetos” (Boca de Rua, 2016, p. 5), as crianças construíram casas com materiais e fins diversos: “Casa com grama no telhado, casa container, casa robô, casa na árvore, casa espaçonave, casa futebol”. E elas nos interrogam bem: “Quem disse que casa tem que ser quadradinha, ter telhado, parede, porta, janela, árvore do lado e sol no céu?”.

\*\*\*

Quando quatro rodas se colocavam sobre aquelas estradas, tremendo sobre os paralelepípedos, não havia uma alma que não olhasse. Era um evento. Abriam-se as janelas e espichavam-se os pescoços. As venezianas de cada casa viravam pálpebras, parece – prontas para se levantarem, despertas, permitindo a visão. E então, como em um movimento involuntário, novamente se fechavam. As janelas se fechavam pelo mesmo motivo que se fecham as pálpebras: há que se proteger os olhos. Depois de tempos e mais tempos em uma cidadezinha miúda, com suas ruas de pedra e pitangueiras na margem das calçadas, com suas araucárias e cadeiras de praia para se sentar, peguei a estrada. Não é à toa que quando vi a cidade grande me assustei. Os carros lá bufavam, dispostos como uma manada. E as gentes estavam montadas naqueles bichos, corajosas, como se estivessem armadas e prontas para a batalha. Ali as quatro rodas não eram evento, eram caso corriqueiro. Os prédios altos me deixavam tonta, provocadores de vertigem. Quando eu olhava para cima, parecia que eles estavam prestes a despencar, cair para o lado, desmaiados. Subiam, subiam e subiam como se aqui na terra nada lhes coubesse. Que sonho é esse dos arquitetos de alcançarem o céu?



Disseram que era assim mesmo. É assim que fica quando a cidade dá certo. Mas não achei lá tão certo assim. Acho até que não era só eu que tinha medo: os outros pedestres também. Por que outro motivo andariam tão rápido? Tantos corpos fugindo, dispersos, apartados. Juntos e solitários. Não fazia muito sentido. Mas a decisão foi tomada: era pra lá que eu iria. No dia da decisão, eu andava animada por aquelas ruas, tão confusa quanto encantada. Até que um carro, rápido e ofegante, bufou bem alto ao meu lado. Parou na esquina, com os cascos derrapando e o olhar de predador. Era como se dissesse, raivoso e voraz: saia da frente ou te atropelo. Desatenta, pulei em susto. Tinha me esquecido do perigo por alguns instantes, ingênua. Não vi que ele vinha em minha direção. Foi ali que eu percebi que essa cidade era outra. Bastante outra.



\*\*\*

Desde a branquitude – definida menos pela brancura da pele que por “um certo modo de ser e estar no mundo, herdeiro direto da colonização” (Núñez, 2022, p. 107) –, há que se sustentar o desconforto: já somos violentos. Impusemos processos de aldeamento para a

catequização e subjugação dos povos originários; para a exploração de bens naturais; para a construção das metrópoles. Porque “os *jurua* queimaram tudo” (Verá, 2021, p. 100), tanto as condições materiais quanto as cosmovisões indígenas são repetidamente assaltadas. Impõe-se outras casas e modos de habitar, ainda que os desejos de seus povos sejam outros. Cacique Babau (2019), tupinambá, nos interroga:

Como podemos achar que somos os únicos com direito à terra? E o direito dos pássaros de ter suas árvores para pousar, cantar e fazer ninho? E o direito da preguiça de ter sua árvore para morar? E o direito do tatu de ter uma terra para cavar e morar dignamente? Por que só o ser humano acha que pode viver dignamente sobre a terra? Nós, Tupinambá, não pensamos assim. Temos o nosso direito e a natureza tem o direito dela. Nós não mexemos na parte dela. (p. 101)

Repensar o direito à terra para além do domínio humano talvez o desloque: tira-o de seu centro, de sua posição autorreferenciada, de seu lugar dominante. Defrontamo-nos com a possibilidade de estabelecer outras relações com a terra, o espaço, a natureza, as coisas, o habitat e o habitar. A escritora e psicóloga guarani Geni Núñez (2022) conta que, no Brasil, o termo *parente*, utilizado entre indígenas, não depende de laços sanguíneos: é enunciado por sua dimensão afetiva, simbólica e política. E, para o povo guarani, a noção de parentesco é estendida “a rios, matas, demais animais e seres encantados” (p. 9). O parentesco estabelecido com a terra diz de um elo de afeto, sem com ela forjar relações de propriedade, sujeição e hierarquia.



Parece que temos muito a aprender com José Verá, Geni Núñez, Cacique Babau e todos que falam através deles, não? Contrariando o que planeja a branquitude e sua ordem colonial, aposta-se na construção de relações não extrativistas com a terra – e com o outro.

\*\*\*

Alguém já viu os esboços de Frank Gehry? Parece que deixa o lápis dançar sobre o papel – ora obedecendo a mão, ora a contrariando. Frank Gehry é arquiteto, mas talvez seja mais artista. Em uma pirracenta experimentação, leva a matéria ao seu limite: distorce seus usos, dobra suas formas. Como bom desconstrutivista, presenteia suas obras com pitadas de caos e imprevisibilidade. Eu mesma vi, no seu documentário (Pollack, 2005): sua experimentação não cessa nos desenhos. Falo aqui de uma arquitetura que faz o esboço acontecer – leva a cabo os desenhos tortos, as linhas curvas, as formas fluidas. Ora, se há que se fazer um projeto, então que seja assim.

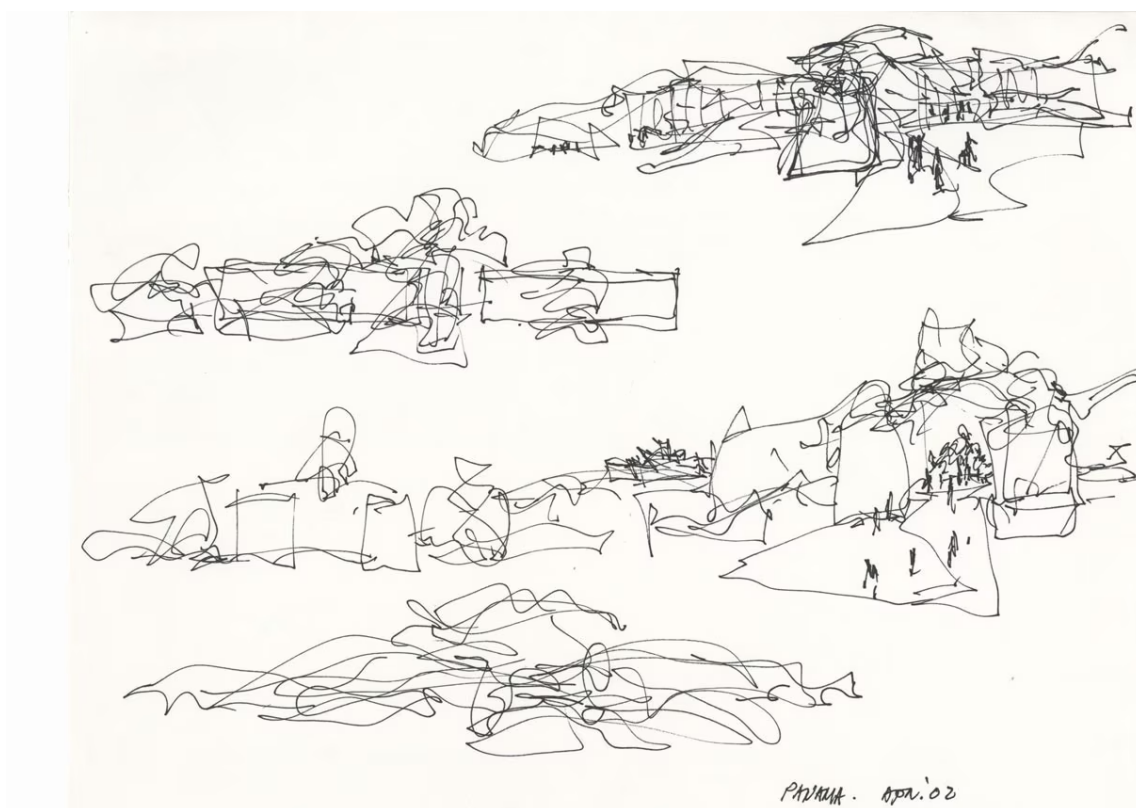


Imagem: Frank Gehry (Domus, 2014)

\*\*\*

Vindo de uma graduação fragmentada – em que a tal da Psicologia é picoteada, feita em pedacinhos, frações, departamentos – falar em fragmentos é também tentativa de dar sentido. Para que meu corpo não se vá também em pedaços, junto os fragmentos e os costuro nesse texto retalhado. Invisto em coletar os restos: restos da cidade, da memória, da formação. Talvez esse trabalho seja um esforço em juntar os restos e deixar que eles nos

contem sua história. A história de onde vieram – por quem foram renegados? E a história que está por vir – o que ainda podem construir?

\*\*\*

Andando por essas bandas também encontrei gente amiga. Conheci pessoas preocupadas com a cidade e com o que faz a psicologia. Então formamos um grupo: o OCUPAS. Juntos, saímos em direção à rua, buscamos alianças, formamos coletivos. Lembro de quando começamos a coisa toda: uma ocupação urbana havia acabado de ser destruída. As famílias que ocupavam um casarão há anos abandonado foram despejadas. E o casarão? Foi reformado? Foi destinado a algum uso? Não. O casarão foi demolido. Enquanto as sirenes vermelha e azul dos carros policiais iluminavam o imóvel, apenas atestando o desejo do Estado, suas paredes foram levadas ao chão. Após o trabalho feito, as retroescavadeiras retiraram-se como se nada fosse. Com frieza semelhante a das máquinas, os policiais ficaram. Acompanhamos um pedaço da história daquelas famílias; fizemos fogueiras sobre os escombros; empreendemos longos diálogos debaixo de lonas – já que o teto lhes era negado. Estávamos juntos também quando esse coletivo ocupou outro lugar. Ocupação essa que foi cultivada até florescer, crescer, dar frutos, porque a coisa é assim mesmo: se bater, racha; se rachar, multiplica. Fizemos reuniões com movimentos sociais por vários cantos dessa cidade, nos unimos a uns, nos despedimos de outros. Chegamos a outras ocupações e comunidades; nos juntamos a coletivos LGBTQIA+, negros, indígenas, feministas. E acho que desde o começo a gente se perguntava: o que a psicologia pode fazer aqui? E quem respondia nem era a gente; eram os coletivos que caminhavam ao nosso lado. A resposta sempre muda. Afinal, é no encontro que se dá nosso fazer. E essa psicologia sempre muda também: a cada embate, conflito, questionamento, encontro, produção, algo se desloca. Seja oferecendo a presença de nossos corpos, seja oferecendo nossa escuta – o OCUPAS dá à psicologia uma nova tarefa: fortalecer a militância e suas lutas pelo direito à cidade, à terra e à moradia. O OCUPAS se faz militante. Muito da minha formação eu dedico a esse grupo; muitas das minhas memórias vêm da nossa atuação.

Hoje em dia seguimos nessa aposta: caminhando e escutando.

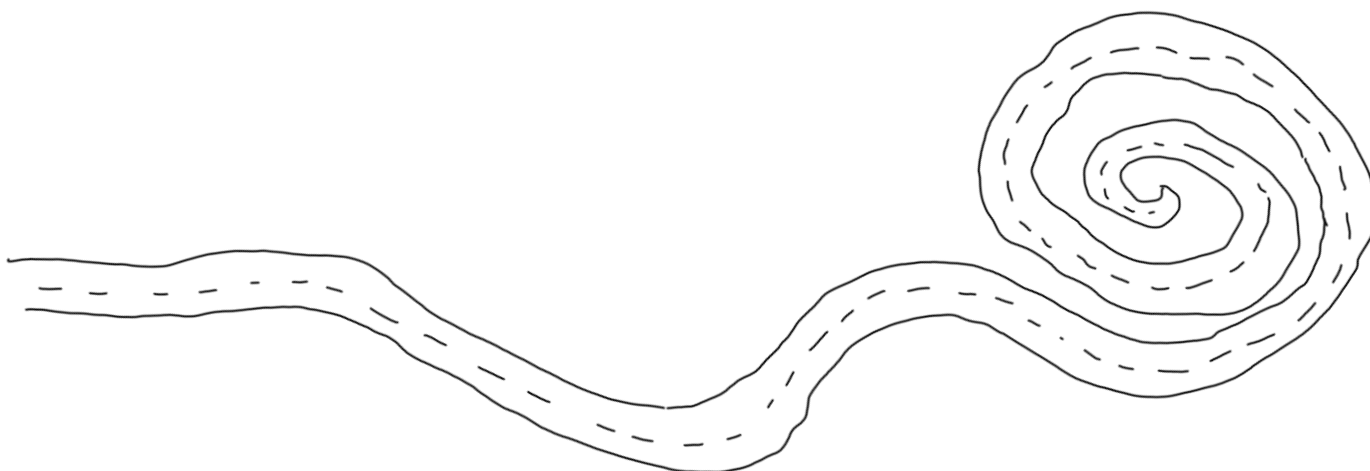
\*\*\*

Minha cidade tem muitos morros.

Subidas: esforço nas panturrilhas. Descidas: pressão nos joelhos.

São montes em terra e em pedra. Estradas que sobem e descem levando a lugar algum. Em direção ao centro, todos os caminhos se formam em morro. Em direção ao interior, o mesmo. Morro a cada metro, a cada instante.

E acho que cada morro é um: inclinação própria, curvatura única. Alguns de terra batida, de tanto por eles andarem; outros de terra solta, alegres e sós. Pouco importa o que se busca, para onde se vai, se encontra um morro. Talvez essa seja uma das poucas certezas que tenho. Quando criança, sabia bem: se chutar a bola longe, ela desce. Corria o monte abaixo para tentar alcançá-la, mas o morro sempre ganha. Desde lá sentia as descidas e as subidas no ritmo do meu corpo, no balançar do meu cabelo.



Mas fico confusa: o mesmo morro que me deixa descer é o que me obriga a subir. Em um instante, permite descansar, andarilhar no embalo, rir com a gravidade; em outro, exige esforço, cansa, tira o fôlego. Morro indeciso, vive fazendo graça. Ao caminhar, não importa a direção, com ele converso – se não com a boca, com o pé. É o morro que me diz quando ir e quando vir. Às vezes, como uma onda mansa, o morro me carrega. Às vezes, no entanto, o morro se faz revoltoso.

Acho que alguns morros são mais furiosos que outros, mas um é mais furioso que todos. O último. Sim. Esse é sempre o mais penoso. Não sei se são as pernas que já estão cansadas, não sei se é o monte que é mais violento. Mas sinto. Quando tenho de enfrentar o último morro; quando sei que ele antecede a pausa, que é premonição do fim; quando sinto que logo chego ao meu destino, que falta pouco, que o lado de lá por mim espera. Quando chego ao último, morro.

\*\*\*

Nogueira e Alves (2019) dizem que ouviram uma criança reclamar da adultidade. A criança inventou esse conceito, “adultidade”: isso que faz os adultos oprimirem e dominarem. É “uma adulteração perigosa do desejo” (p. 11) e das potências da vida. A adultidade, expõem os autores, é marcada pelo projeto de colonização, que dita a norma, a circulação, o medo, o desejo. Autoproclamando-se o modelo civilizatório, a adultidade invisibiliza, segrega, exclui. E para superar a adultidade? Nogueira e Alves dizem: o jeito é a infancialização. Como ensina a filosofia afroperspectivista, eles dizem que a infância enquanto conceito filosófico é disruptiva. A infância pode ser como um sentido – como olfato, visão, paladar: um jeito de perceber o mundo. Isso não quer dizer infantilizar; também não quer dizer o tempo, aquele linear, em que se era criança; mas sim um jeito de experimentar a vida. Acessar o “estado de infância” (p. 19) permite encontrar a potência transformadora e irreverente de cada infância – e, assim, sabotar a força disciplinar e colonial da adultidade. Ao brincar, questionar, fabular e criar, forjamos outros mundos, virtualmente distintos daqueles que quer a norma. Infancializar, então, é buscar na ética da infância a possibilidade de provocar rupturas, fazer furos e inventar novos modos de viver.

Ainda pensando a infância como modo de ser, com potência e poder próprio, Nogueira (2019) conta uma narrativa iorubana:

Certo dia, a Morte, chamada Icu, visitou a aldeia de Orunmilá. Sem querer sair do povoado, permaneceu. Flores, árvores, animais, pessoas velhas e pessoas crianças – todos os seres vivos passaram a morrer. Orunmilá, então, pediu que Icu fosse embora. A Morte, no entanto, “disse que só sairia se alguém fosse capaz de obrigá-la a fazer algo que ela não quisesse” (Nogueira, 2019, p. 132). De comitivas a exércitos, muitos tentaram, mas ninguém conseguiu enganar Icu. Todos que foram até a Morte lá morreram. Já desiludido, o povo, os bichos e as plantas continuavam a falecer. Até que as duas crianças mais travessas do reino, os gêmeos Taiwo e Kehinde, bolam um plano: querem brincar com Icu. Taiwo começa a dançar e tocar seu tambor; Icu, gostando do que escuta, dança ao lado do menino. Mas Taiwo e Kehinde, pregando uma peça na Morte, não contam que são dois. Quando Taiwo cansa de tocar o tambor, Kehinde rapidamente o substitui, sem que a Morte percebesse. Icu seguiu dançando. Enquanto um gêmeo tocava, o outro descansava; enquanto um descansava, o outro tocava. Até que Icu não aguentou mais. Cumprindo sua promessa, pois dançou sem querer dançar, abandona o reino (Nogueira, 2019).



Colocando a morte para dançar, a infância mostra a força da ação brincante. Insubordinado e serelepe, “um olhar infantil é capaz de se espantar diante do que é corriqueiro e enxergar coisas inusitadas nas situações mais regulares e ordinárias” (p. 135). Por isso Nogueira (2019) diz: "A Infância é mais poderosa do que a morte" (p. 133).

\*\*\*

Nietzsche (2011), naquele livro “Assim falou Zaratustra”, nos apresenta três metamorfoses do espírito: transforma-se em camelo; e o camelo em leão; e o leão, por fim, em criança. O camelo, em uma reverência constante e uma marcha arrastada, obedece a ordem e carrega o que há de mais pesado. Por mais que seja forte e resistente, ainda é servil: a fim de se conservar, carrega os valores, a tradição e a moral que lhe colocam nas costas. Vive em um “Tu deves”. Esgotado de acatar e desejoso de liberdade, vem o leão. Com sua força e orgulho, nega a condição do camelo: aprende a dizer “Não, não devo”. Que importante ter podido dizer não. Ainda que fruto do ressentimento, faz sua liberdade. Frente ao cansaço do camelo, o leão dispõe sua raiva, sua ira e sua força de destruir a ordem. Mas e agora? O que se faz da demolição? Sobre as ruínas, o que se constrói? O leão não pode tudo. Para ir da destruição à criação, então, chega a criança – a terceira metamorfose.

[...] que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança? Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo. (Nietzsche, 2011, p. 28)

A criança, dizendo sim para o jogo da criação, faz coisas que nem o leão pode fazer. Cria, inventa, constrói o novo. Reside aí sua potência de invenção de mundos. Sua força não é a de, por longos tempos e distâncias, carregar o peso da ordem – como sabe o camelo; tampouco é a de, em sua fúria, destruir – como faz muito bem o leão. Quando se dá a terceira metamorfose, aprende-se outra liberdade: o *ethos* da criança é o da criação.

\*\*\*

Tem um poema do Jorge Sousa Braga (2017, p. 142) que eu gosto:

“De vez em quando regressas à tua  
 infância Para visitares um sorriso  
 para iluminares os quartos escuros  
 que deixaste para trás Para arrumares  
 as botas fora da porta ou para fazeres  
 as pazes com os gatos no cemitério  
 entre os jarros brancos Outras vezes  
 é a infância que te procura e não te deixa  
 adormecer Todos regressamos  
 à infância nem que seja para morrer”

\*\*\*

Tá bem. Acho que estou pronta para conversar com a utopia. Pode ser que ela não seja um monstro mau: aos poucos vai deixando de assombrar. E talvez, apenas talvez, eu fugia por medo de jamais a alcançar. Mas acho até que agora estamos mais íntimas, eu e tu, utopia. E se estamos nos avizinhando, por que já não fazemos aliança?

Parece que a utopia habita esse texto. Isso. A utopia, esse não-lugar, também habita: ocupa, agencia, faz mover. Está longe de remeter apenas a um tempo futuro, um ponto distante na linha reta do tempo – que sabemos ser inexistente. É pedaço do porvir se fazendo presente – no corpo, no espaço, nos passos, nos gestos. Afinal, “[...] nossa vida é grande e acomoda tanto futuro quanto somos capazes de carregar” (Rilke, 2007, p. 67). Sua ação futura é aqui-agora – nos lançando a onde ainda não se sabe.

\*\*\*

Em uma rua deserta ou movimentada, em uma curva ou linha reta. Não me lembro. Lembro só que, em algum momento, encontrei alguém que não era eu. Não sei se dá para chamar de outro ou se isso o perturbaria. Mas era, sim, um pouco outro de mim. Tentei me apresentar, introduzir quem sou. Quem sou? Algo na minha garganta prendia, não me deixava dizer. Aquilo que tantas vezes já subiu minha laringe, atravessou minha língua e saiu pela minha boca... Já não sabia pronunciar.

Acho que me engasguei de alteridade.

E a diferença realmente faz engasgar, não? Sufoca por instantes, faz tossir, agoniza. Até que se dê destino a isso que entra esquisito. E não é essa mesma a qualidade do engasgo? Algo que não se acomoda, toma o caminho errado, é estranho ao corpo. O encontro com a diferença perturba; falsificar sua absorção seria silenciá-la. Não em vão as cidades são desenhadas para possibilitar ou impossibilitar certos encontros: algo imprevisível se dá quando ocorrem. Se és diferente de mim, eu também posso ser, então, diferente de ti?

Talvez a infância possa também aqui nos dar pistas – para possibilitar e potencializar os encontros. Em um reconhecimento radical da diferença, em uma produção de encantamento, em uma abertura para o novo: faz do encontro lúdico. A infância convida a diferença para brincar.

\*\*\*

Para não incorrer em, contra nosso desejo, colocar a infância em um leito de Procusto – encolhida para caber em nossos espaços e esticada para dar conta de nossos ideais – há de se sublinhar também suas dores. Quem pode habitar a infância?

Cabe pensar na criança cuja infância é alvo de ataque – tentam diminuir sua potência e preenchê-la de adultidade. Das balas “perdidas” à desigualdade social, o impacto das violências de Estado é concreto: se dá no corpo de crianças negras, indígenas, periféricas. Pela produção do medo, as armas do racismo e do colonialismo tentam subjugar os corpos e, também, a experiência da infância. Como diz Reis (2021), “a manutenção do padrão de violência e abuso infantil, autorizados e praticados pelo Estado brasileiro, caminha na direção da supressão do direito à infância de crianças negras” (p. 11). Há um esforço em aniquilar, nulificar, criminalizar e brutalizar suas vidas. Para a maquinaria do racismo e do capital, é inaceitável o exercício da infância, em sua força disruptiva, pelas crianças que se encontram à margem.

E, se não será pela violência da arma e do cassetete – armas *brancas*, por sinal –, será pela política neoliberal de produtividade, desempenho e performance. No tradicional documentário “A Invenção da Infância” (Sulzbach, 2000), podemos observar distintas realidades das crianças brasileiras – seja o que as diferencia, seja o que as une. Entre as crianças em contexto urbano de classe média entrevistadas, majoritariamente brancas, escutamos sobre as tarefas que devem ser cumpridas, sobre a agenda lotada de atividades, sobre a responsabilidade com o próprio futuro, sobre a necessidade de aprender inglês para

não se ver em desvantagem socialmente. O brincar é também território de disputa: será apropriado pelos saberes psicológicos e seus parâmetros; será negociado pelos educadores e seus objetivos de aprendizagem; será comercializado pela indústria e seu interesse no capital.

Cabe, também, pensar naqueles que não são crianças, mas que seguem testemunhando a própria infância sob ataque. As operações da violência – do racismo, do machismo, do capacitismo, do capital – esforçam-se em nos aprisionar no tempo presente. Tentam impedir que encontremos nossa infância: este lugar é fechado a sete chaves, gradeado, escondido. Se algum sujeito encontra um mapa, lhe roubam. Se outro sujeito encontra uma bússola, a tiram. E por quê? Encontrar uma infância é perigoso – faz romper, faz questionar. A infância é um bicho que precisa ser enjaulado. Se ficar solto, morde seu algoz. Não à toa seguem assaltando suas potências. A ordem vigente exige que a infância seja sufocada – “como se sufoca um grito”, talvez dissesse Foucault (Foucault, 2006, p. 205). Mas a infância, a contragosto de seu carrasco, escapa. Morde a mão do violador, passa por baixo das pernas do policial, dá um giro em que a tenta. As violências são adultizantes, sim. Frente a elas, então, infancializa-se.

\*\*\*

Eu juro. Eu juro de pé junto que vi. Naquela avenida barulhenta, de carros apressados e pedestres avoados, se puseram duas cadeiras. Não tinha bar nem restaurante por perto. Eram só duas cadeiras. Não tinha como não olhar: a madeira – presente em cada pé, braço, encosto e assento – destoava do cimento que forra os prédios e as calçadas. Sobre elas, dois corpos. Sentados na calçada, à beira da rua, travavam um intenso diálogo. Mas os corpos não estavam virados apenas um para o outro. Não. Eles não sentavam de frente, fitando a si próprios e a mais ninguém. Com as cadeiras em leve ângulo, formavam uma roda. Sim, eu sei que eram apenas dois, mas parecia que estavam em uma conversa a três:

Um corpo,  
Outro corpo  
E a rua.

Alguém me disse que aquilo era uma sessão de terapia. Aqueles dois corpos, falantes e moventes, eram terapeuta e paciente. Isso. Terapeuta e paciente. Mas, na verdade, parecia até que tinha dois terapeutas:

A psicóloga  
E a rua.

A psicóloga fala com a boca, com o movimento das mãos, com a inclinação do corpo. E a rua fala como? Ah, seus sons, suas luzes, seus caminhos. Os imprevistos da cidade também intervêm; e esses dois corpos, em um longa conversa, acho que nela intervinham também. Tinham grande intimidade com a rua. Ora rua-terapeuta, ora rua-paciente.

Pelo que eu vi foi o paciente que colocou aquelas cadeiras lá. O paciente humano, mesmo. Brincou com a calçada, com a cidade, com a psicologia. Brincou até com as próprias dores. Antes essa avenida era tipo corredor: os carros passam rápido e as pessoas andam às pressas. Ninguém para. Até que esses dois corpos pararam, se demoraram, foram na contramão. A cidade seguia se movendo ao redor, às vezes ágil, desviando dos corpos sem nem querer vê-los – afinal, faz titubear essa mistura de confusão e encantamento. Mas, às vezes, a cidade se fazia mais lenta, intrigada com a cena que ali se montava. A porta do prédio mais próximo, logo atrás das cadeiras e dos corpos, não cessava de abrir. Como se o prédio mesmo ficasse curioso: o que será que falam esses três?



Eu sabia da terapia no consultório, não dessa. Mas a passagem dos pedestres, a buzina dos carros, o tumulto daquela avenida: nada disso impedia que o choro do paciente viesse; nada disso fazia com que a atenção da psicóloga fugisse. A cidade só fazia amplificar: ecoava as falas, disseminava a escuta. Vi ali que a terapia a dois é sempre em mais de dois. Os corpos viram multidões, performando a dor de vários. Quiçá, também, acolhendo a dor de vários. Achei bonita essa junção de corpos: psicóloga, paciente e rua.

Talvez a rua tenha muito a dizer. Talvez se tenha ainda muito a inventar.

\*\*\*

Sabe que eu acho que essa cidade, que tantas vezes segrega e violenta, se for tomada em sua potência, pode mover as dores, quiçá até produzir saúde. As ruas às vezes dizem coisas que precisamos ouvir – território do encontro, do acontecimento, do imprevisível. Nela podem se formar dispositivos clínico-políticos, que permitem a partilha e a experimentação da vida. Ela própria pode ser, também, clínico-política. Parece que os encontros – do cabelo com o vento; do corpo com a cidade; da dor com a rua – produzem algo, não? E se as arquiteturas não forem hostis? E se as ruas puderem abraçar as vidas, em sua singularidade e multiplicidade? Trata-se de uma aposta bem simples: construir cidades que acolhem. E aqui eu chamo a psicologia de novo: que ela assuma sua responsabilidade enquanto fabricante de realidades. Ela já as fabrica, ainda que às vezes não admita.

A psicologia mudou um tanto ao longo dos anos. No Brasil, sua inserção em outros campos e sua relação com outras populações têm provocado alterações em sua prática. A clínica “saiu da exclusividade do divã, do *setting*, do consultório para também ocupar as políticas públicas, as ruas, as periferias, as ruralidades, as comunidades indígenas, quilombolas, pesqueiras e até as plataformas digitais” (Miranda & Félix-Silva, 2022, p. 8). Parece que o encontro com a cidade e com suas lutas também reserva essa potência: a de mudar nossos modos de pensar e nossos modos de fazer.

Miranda e Félix-Silva (2022) apresentam uma ideia da qual gosto muito: a “invenção de uma clínica que pensa a partir de onde os pés pisam” (p. 1). Há que se questionar: Quem é o sujeito da psicologia? Que cor carrega em sua pele? Que cosmologia confere sentido à sua vida? Quantas jornadas de trabalho preenchem seus dias? E as perguntas não cessam. Coloco aqui mais uma: nossos conceitos e ferramentas, seguidamente importados, servem a esse sujeito? Por isso Miranda e Félix-Silva (2022) falam da importância de uma

“[...] disposição para revisar, adaptar e construir epistemologias, metodologias a partir do encontro com as subjetividades que encontramos em nossas realidades. Afinal, se as clínicas psicológicas têm habitado cenários brasileiros e encontrado pessoas negras, indígenas, lgbtqi+ e quilombolas em situação de rua, pesqueiras, é preciso produzir análises que sejam coerentes com essas subjetividades em vez de buscar analisá-las a partir de crivos importados como norma modelo” (p. 9)

Assim como as construções das quais nos fala Paola Jacques (2001), feitas com a diversidade de materiais encontrados – nas ruas, nas esquinas, nos canteiros –, a clínica também há de se fazer a partir do próprio chão.



É preciso que nossos calçados nos permitam sentir o solo. Com o cuidado para não calçar sapatos impermeáveis, refratários às forças do fora, caminha-se atento ao que cada território dispõe. Sente-se as pedras da calçada, as poças de água, os desníveis da rua. Guiado pelas ruas, o pé também escuta.

\*\*\*

Pedra, colchão, lençol, saco com areia, saco com ar, almofada leve, almofada pesada: os *objetos relacionais* eram usados por Lygia Clark em suas investigações artísticas e em seu método terapêutico. O próprio nome já diz: é na relação que esses objetos tomam sua forma. Sua instável matéria demanda o encontro com outro ser. Assim, Lygia coloca a experiência corporal de seus receptores como condição primordial da realização da obra – acessando nosso “corpovibrátil, sensível aos efeitos da agitada movimentação dos fluxos ambientais que nos atravessam” (Rolnik, 2015, p. 104). Ao nos convidar para experimentações entre corpo-coisa, em um híbrido de arte e clínica, possibilita que novas relações consigo e com o mundo se inaugurem. O corpo agindo sobre o mundo; o mundo agindo sobre o corpo.

O mundo não passa de um grande monstro muito paciente que deixa o homem construir desde uma casa até uma cidade por cima do seu ventre. Quando ele fica impaciente, abre uma perna ou faz um pequeno bocejo, engole cidades, aplaina montanhas, abre novos rios, implacável. (Clark, 1965)

\*\*\*

Palavra alguma traduz a sensação de, depois de muito andar perdido, encontrar o caminho. Palavra alguma traduz o que sente a pele quando cai a primeira gota de chuva. Há algo que não pode ser capturado pela língua, que dirá em um idioma só. Algo escapa. E acho que algo escapa dessa escrita aqui também. Parece que se teria tanto mais a dizer.

Mas o que escapa talvez seja um pouco infância, não? Não se deixa capturar – ainda que as letras venham, prontas para podar a experiência com seus traços pontiagudos. Como uma infância serelepe, as palavras fazem fuga. Vou tentar parar de escrever, então. Tentar, mesmo. Respeito seus movimentos, palavras-fugidias; nos encontramos outra hora.

\*\*\*

Manoel de Barros (2016, p. 17) uma vez disse assim:

“No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos —

O verbo tem que pegar delírio.”

Acho que a gente aprende com a infância que delira o verbo.

Essa cidade às vezes parece tão adulta. Eu queria era mudar a função da cidade. Fazer delirar. E eu vi, caminhando por aqui, que umas coisas deliram mesmo.



Essa casa abandonada, largada para que ninguém mais mexesse, vira moradia, vira ocupação. Essa rua, feita para passagem, se confunde e não deixa mais ninguém passar, vira união de corpos, união de vozes, união de ideias. Esse muro, que era feito para separar, vira comunhão: onde pinturas se encontram e escritas entram em combate. Essa calçada, com a força da terra entre as pedras, vira jardim. Essa cidade, com a força dos corpos que aqui habitam, vira o que quisermos. Acho que quem delira a cidade tem em si mesmo essa invenção da infância. Quem delira a cidade tá fazendo é infancialização. Como “lá onde a criança diz: eu escuto a cor dos passarinhos”. E sabe que eu acho que delirar essa cidade – fazendo ela menos adulta, adulterada, adultizada – é um jeito de cuidar: cuidar de quem vive aqui, de quem mora ali, de quem habita lá. É um ato clínico-político, como eles dizem. Então acho que a gente quer delirar a cidade junto, né? Fazer dessa cidade outra. Fazer dessa psicologia outra também.





## Referências

- Agamben, G. (2007). *Profanações* (S. J. Assmann, Trad.). Boitempo.
- Babau, C. (2019, maio). Retomada. *Piseagrama*, (13), 98–105.  
<https://piseagrama.org/artigos/retomada/>
- Barros, M. d. (2016). *O livro das ignoranças*. Alfaguara.
- Benjamin, W. (2009). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (M. V. Mazzari, Trad.; 2ª ed.). Duas Cidades; Editora 34.
- Boca de Rua. (2016, abril/maio/junho). Arquitetos. *Jornal Boca de Rua*, 14(59), 5–7.
- Bolle, W. (2009). Na vasta obra de Walter Benjamin... [Orelha de livro] (M. V. Mazzari, Trad.). In W. Benjamin, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Duas cidades; Editora 34.
- Braga, J. S. (2017). O regresso à infância. In M. C. Fenati (Org.), *Gratuita: Infância* (Vol. 3, p. 142). Chão da Feira. <https://chaodafeira.com/catalogo/gratuita-v-3-infancia/>
- Cardoso Filho, C. A. (2016). A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(2), 242–251.  
<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1458>
- Clark, L. (1965). *Só agora tenho necessidade de tomar notas* [Diário]. Lygia Clark: Acervo.  
<https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/65304/so-agora-tenho-necessidade-de-tomar-no-tas-diario-2>
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica* (P. P. Pelbart, Trad.). Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (A. Guerra Neto & C. P. Costa, Trad.; Vol. 1). Editora 34.
- Domus. (2014, março 5). *Frank Gehry: Biomuseo*. Domus.  
[https://www.domusweb.it/en/architecture/2014/03/05/frank\\_gehry\\_biomuseo.html](https://www.domusweb.it/en/architecture/2014/03/05/frank_gehry_biomuseo.html)
- Foucault, M. (1988). *Isto não é um cachimbo* (J. Coli, Trad.). Paz e Terra.
- Foucault, M. (2006). A vida dos homens infames (V. L. A. Ribeiro, Trad.). In M. B. d. Motta (Org.), *Estratégia, poder-saber: Ditos & Escritos IV* (2ª ed., pp. 202–222). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2010). Conversa com Michel Foucault (A. L. P. Pessoa, Trad.). In M. B. d. Motta (Org.), *Repensar a política: Ditos & Escritos VI* (pp. 289–347). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias* (S. T. Muchail, Trad.). n-1 Edições.

- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, (5), 07–41.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>
- Jacques, P. B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Casa da Palavra.
- Marques, A. M. (2017). É como se a infância não fosse um tempo... In M. C. Fenati (Org.), *Gratuita: Infância* (Vol. 3, p. 21). Chão da Feira.  
<https://chaodafeira.com/catalogo/gratuita-v-3-infancia/>
- Miranda, D. W., & Félix-Silva, A. V. (2022). As subjetividades periféricas e os impasses para a descolonização da clínica psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42(n.spe), e264143, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003264143>
- Nietzsche, F. W. (2011). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém* (P. C. d. Souza, Trad.). Companhia das Letras.
- Nogueira, R. (2019). O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. *Momento: diálogos em educação*, 28(1), 127–142.  
<https://doi.org/10.14295/momento.v28i1.8806>
- Nogueira, R., & Alves, L. P. (2019). Infâncias diante do racismo: teses para um bom combate. *Educação e Realidade*, 44(2), e88362. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362>
- Nogueira, R., & Alves, L. P. (2020). Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 17(48), 533–554.  
<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20200047>
- Núñez, G. D. (2022). *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude* [Tese de Doutorado].  
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/241036>
- Oyèwùmí, O. (2017). *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género* (A. Montelongo González, Trad.). En la frontera.
- Pollack, S. (Diretor). (2005). *Esboços de Frank Gehry* [Filme]. Sony Pictures.
- Reis, C. d., Kreher, R., Hadler, O. H., & Guareschi, N. M. d. F. (no prelo). Larga a Velha e vai para a Zona: deslocamentos e descaminhos na produção do conhecimento em Psicologia. In F. Amador, S. Paulon, V. Maurense & C. dos Reis (Org.), *A pesquisa como criação de mundos: 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da Psicologia Social*. Editora Abrapso.

- Reis, D. d. S. (2021). À prova de balas? Necroinfâncias cariocas, violência de estado e filosofias da rua. *Childhood & Philosophy*, 17, e61331.  
<https://doi.org/10.12957/childphilo.2021.61331>
- Rilke, R. M. (2007). *Cartas do poeta sobre a vida* (M. C. Mota, Trad.). Martins Fontes.
- Rolnik, S. (2015). Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. *Concinnitas*, 16(1), 104–112.
- Santos, M. (2004). *Pensando o espaço do homem* (5ª ed.). Edusp.
- Sulzbach, L. (Diretor). (2000). *A invenção da infância* [Filme]. M. Schmiedt Produções.
- Verá, J. (2021). *Nhemombaraete Reko Rã'i: fortalecendo a sabedoria* (F. M. Alves & G. M. Franco, Trad.). Riacho.